



**Ponto Urbe**

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

**18 | 2016**

**Ponto Urbe 18**

---

## Quando a inundação vira o campo

Notas etnográficas sobre o pós-desastre (parte II)

**Alvaro Katsuaki Kanasiro**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3171>

DOI: 10.4000/pontourbe.3171

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Refêrencia eletrónica

Alvaro Katsuaki Kanasiro, « Quando a inundação vira o campo », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3171> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3171

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

---

# Quando a inundação vira o campo

Notas etnográficas sobre o pós-desastre (parte II)

Alvaro Katsuaki Kanasiro

---

## Retomando

- 1 Este texto compreende a segunda parte do relato de campo sobre a inundação da cidade de Joso, Japão, ocorrida em setembro de 2015<sup>1</sup>. O relato é parte da pesquisa de campo realizada para minha tese de doutorado, ainda em andamento, cujo tema é a internacionalização do Espiritismo Kardecista no Japão e sua prática entre os imigrantes brasileiros. Desde 2014 tenho realizado pesquisa de campo no centro espírita Casa Caridade (nome fictício), localizado na cidade.
- 2 A segunda parte do relato visa descrever o processo de construção de uma rede de solidariedade composta por imigrantes brasileiros, que, segundo informantes, se articulou para suprir as necessidades de um grupo social que não tinha acesso à ajuda ofertada pelas autoridades japonesas (seja pelo não domínio do idioma japonês, seja pela morosidade com a qual o governo local agia) e que, portanto, sofreria mais com a inundação do que os japoneses.

## Os dias seguintes: articulação de uma rede de solidariedade

- 3 No dia 12 de setembro eu e minha esposa fomos acordados logo cedo pelo barulho dos helicópteros que voavam acima de nós. A alguns quilômetros da universidade havia um heliporto de onde partiam helicópteros das forças de autodefesa (*jieitai*).
- 4 O sol surgia após três dias consecutivos de chuva forte. Dora viera nos pegar para comprar mais donativos. Após as compras passamos no abrigo de Tsukuba Mirai, cidade que fica entre Tsukuba e Joso, para visitar meus tios. Apesar do estresse eles aparentavam estar bem. Meu tio estava preocupado com a carteira que ele havia esquecido dentro do

carro na hora de fugir da enchente. Prometi que tentaria pegá-la assim que fosse possível, dado que eles não tinham condições de sair do abrigo<sup>2</sup>.

- 5 A segunda parada foi no *Kinu sougou kouen*, parque poliesportivo que estava funcionando como ponto de coleta, para entregar doações. No estacionamento era possível ver diversos carros do exército estacionados. Na entrada do prédio principal havia um grande número de voluntários japoneses (entre jovens e adultos) que ajudavam a carregar doações que chegavam de caminhão em grandes quantidades. Doações em pequenas quantidades também eram aceitas. Observei uma moça com uma criança de colo trazendo uma fralda e uma sacola com produtos para bebês. Outro senhor acabara de doar um saco de arroz de cinco quilos. Nós deixamos algumas caixas de água mineral.



Ilustração – Entrada do parque Kinu sougou kouen.

Foto tirada pelo autor.

- 6 Depois seguimos para Tsuki, a escola brasileira. Chegamos lá às 15:33. Os contêineres-escritório que serviam de salas de aula não estavam danificados, mas era possível ver entulho acumulado próximo à entrada da escola. A maior perda foram os carros que faziam transporte escolar, informa o senhor Kaneda, pai da diretora Vívian. Ficamos sabendo que o resgate de sua família tinha levado muito tempo (quase dois dias), embora estivessem presentes dois idosos (o senhor Kaneda e sua esposa) e uma criança recém-nascida, filha de um jovem casal japonês, salva por Alessandro, irmão caçula de Vívian. Alessandro conta que avistou o pai erguendo o bebê no meio da enxurrada, sem conseguir se mover. Decidiu pular na água e salvar aquela família, mesmo colocando-se em risco. O jovem casal ficou alojado no segundo andar da casa do senhor Kaneda, junto da esposa e filhos de Alessandro.
- 7 Vívian estava conversando com alguns repórteres da rede IPCTV (canal de televisão afiliado à Rede Globo que transmite programação em português). Um repórter japonês do canal estatal NHK (Japan Broadcasting Corporation) também estava entrevistando brasileiros vítimas da enchente. Dora conversou um pouco com dona Vera, esposa do

senhor Kaneda. O casal foi um dos primeiros a chegar em Joso, há mais de vinte anos. Dona Vera tinha começado o curso de desenvolvimento mediúnico<sup>3</sup> em janeiro daquele ano, algo que, de acordo com suas palavras, a ajudou a manter a serenidade e a calma mesmo nos momentos de grande desespero.

- 8 Saímos da escola e fomos encontrar Solange. Sem entrar em detalhes, ela disse que estava ajudando pessoas que não podiam retornar para suas casas nas instalações de uma empreiteira brasileira<sup>4</sup> perto da ponte Toyomizubashi, região que não fora afetada devido à elevação do terreno. Dora ficou ali para ajudá-la, minha esposa e eu decidimos dar uma volta na cidade para averiguar os danos causados pela inundação. Do alto da ponte notamos que ao longo dos dias o nível da água havia baixado. Avistamos equipes de bombeiros drenando água de ruas inundadas com a ajuda de mangueiras grossas e compridas para o rio Kokaigawa, paralelo ao rio Kinugawa.

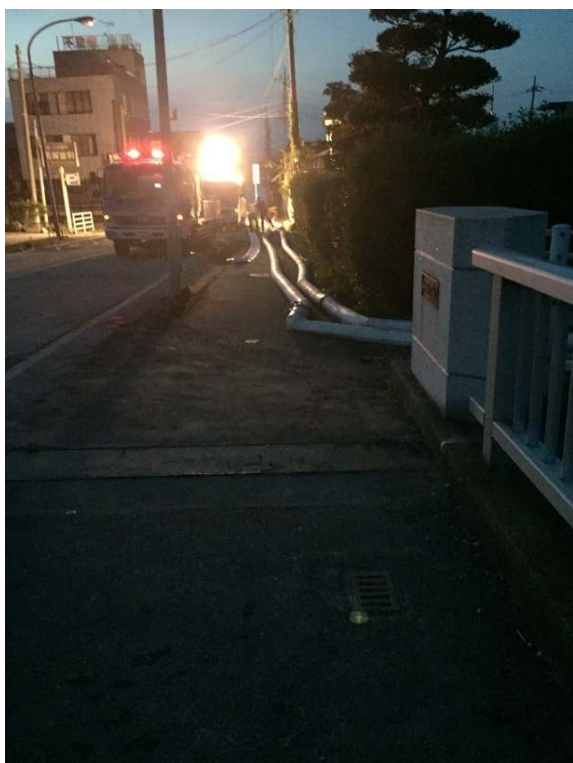


Ilustração – Equipes de resgate drenando a água de ruas alagadas para o rio Kokaigawa.  
Foto tirada pelo autor.

- 9 Após o entardecer pudemos caminhar pelas ruas alagadas. Em apenas dois dias o nível da água tinha já baixado em alguns bairros. À medida que caminhávamos percebemos moradores, japoneses e estrangeiros, retornarem para os abrigos após um dia exaustivo de limpeza. Segue trecho de caderno de campo que descreve melhor o cenário:

O bairro Hashimoto ainda estava sem acesso à energia elétrica e água. Um forte cheiro de esgoto impregnava o ar. Entre as casas e nas calçadas havia muito entulho acumulado, principalmente palha das plantações de arroz que beiravam o rio Kinugawa. O chão iluminado pela pequena lanterna que trouxera revelava uma camada esbranquiçada e fina de poeira. O branco do chão contrastava com o preto do anoitecer. Os carros e objetos abandonados não estavam cobertos de lama, mas brancos pelo pó.

Num trecho perto dos trilhos o chão rachou (talvez algo muito pesado tenha se chocado ali), o que me fez imaginar a força da correnteza no momento da

inundação. Para que o trem volte a funcionar será preciso limpar toda via e consertar as cercas contorcidas.

Ouvimos latidos vindos de alguma casa perdida no escuro. Congelamos. Só nos acalmamos quando avistamos algumas pessoas trabalhando, sob uma luz amarela, dentro de uma casa. Num outro trecho da rua, um senhor havia parado sua van atravessada no meio da rua para iluminar a entrada de sua casa. Ele, indiferente à nossa presença, parecia limpar suas coisas. O ruído do motor ligado era o único som que conseguia captar no ambiente.

Praticamente todos os prédios e casas pelos quais passamos estavam abandonados. Algumas delas estavam com as portas escancaradas; outras, com as janelas arrebentadas. O noticiário havia informado os moradores para deixarem suas casas abertas para que a água evaporasse e o ar fresco pudesse circular. Decidi parar de bisbilhotar o interior das casas e iluminar o chão por onde caminhávamos.

A sensação foi de estar vagando por uma cidade fantasma. E assustadoramente branca.

A vida ressurgia conforme nos reaproximávamos da estação de Mitsukaido. Dois guardas, um homem e uma mulher, substituíam os semáforos controlando a passagem de carros e pedestres. “Para onde você vai?”, berrava o oficial para os motoristas como se estivesse numa blitz. Dois canhões de luz saíam de dentro do barulhento camburão da polícia, parado em frente ao correio, ajudando a iluminar o cruzamento.

Kelly caminhava cabisbaixa, ombros caídos. Sua mala parecia pesar uma tonelada. Semblante fechado. Calados, apenas ouvíamos os carros passarem.

Foi um alívio voltar à estação e ver o pessoal recebendo e distribuindo alimentos nas barracas improvisadas em frente ao mercado brasileiro. Ela só melhorou com os sorrisos e abraços de quem nos saudava. Até gargalhou ao contar o que havíamos acabado de experimentar para uma das rodinhas que se formavam em frente à barraca. Eu também me senti bem. Acolhido.

Talvez fosse esta a sensação de quem passou lá em busca de roupas, calçados, alimento e material para higiene pessoal. Embora a iniciativa tenha sido de brasileiros, japoneses também estavam sendo atendidos. A irmã Consola, uma senhora muito simpática de cabelos curtos e óculos de aro grosso, responsável pela igreja católica da cidade, tinha confeccionado um retângulo de plástico vermelho e um papel com os dizeres “Collection and Donation”, satisfazendo a vontade de Roberto, um dos voluntários responsáveis pela barraca, para que outros estrangeiros (entre eles os filipinos, segundo maior grupo estrangeiro na cidade) também pudessem usufruir da ajuda.





Ilustração – Local próximo aos trilhos danificados da estação de Mistukaido.  
Foto tirada pelo autor.



Ilustração – Barraca de distribuição de donativos.  
Foto tirada pelo autor.

- 10 A partir daquele dia a barraca funcionou por cerca de duas semanas, das 8h às 21h, com o esforço de voluntários, dos quais alguns foram vitimados pela enchente. Ela acabou se tornando ponto de encontro e referência para brasileiros residentes da cidade que tiveram que ir para os abrigos. Muitos deixavam o abrigo pela manhã com a intenção de limpar seu apartamento, retornando pela noite. Quem passava pela barraca podia pegar o item que quisesse, sem ter que pagar: havia água, produtos de limpeza (alvejantes, detergentes, pano de chão, rodo, baldes), produtos de higiene pessoal (principalmente

papel higiênico), fraldas de vários tamanhos (inclusive fraldas geriátricas, dado o elevado número de moradores idosos), absorvente, roupas íntimas, calçados e roupas usadas, cobertores, colchões, leite em pó e alimentos não perecíveis.

- 11 A quantidade de roupas, calçados e cobertores arrecadados foi tão grande que os voluntários decidiram dar parte do estoque para a igreja evangélica Assembleia de Deus, localizada a cerca de um quilômetro da barraca. Ali, membros da congregação também prestavam auxílio para vítimas da enchente.



Ilustração – Sabão em pó e alvejante em primeiro plano, água mineral, fraldas e rolos de papel higiênico em segundo.

Cortesia de Kelly Tutya.

- 12 Os voluntários eram basicamente moradores de Joso. A maioria não fora afetada pela inundação e diziam estar em condições de ajudar amigos e conhecidos afetados. Êmerson e Gustavo contam que na noite da tragédia resolveram ajudar no resgate, pois os bombeiros e o exército não estavam dando conta. “Eles estavam deixando os brasileiros para depois”, relata Êmerson. Sua ex-cunhada, que estava tentando se proteger em cima de um muro, fora deixada para trás pelo exército que passou pelo local. Os dois rapazes conseguiram um bote com um conhecido e foram salvá-la. Começaram, então, a circular pelas áreas alagadas. A ajuda não se restringiu somente aos conterrâneos. Êmerson relata outro caso: “Um senhor japonês, dono de umas empresas aqui da cidade, ainda estava preso com sua família em seu apartamento. Nós fomos lá resgatá-lo. Ele ficou super feliz e chegou a nos oferecer dinheiro, mas eu recusei”.
- 13 Críticas semelhantes acerca do *modus operandi* dos bombeiros e do exército foram dadas por dois homens que passaram pela barraca no dia seguinte para pegar água potável e material de limpeza. Um era nipo-descendente, estava sem camiseta, vestia bermuda e calçava galocha. O outro, mestiço, estava com boné, vestia uma camiseta puída do Corinthians e calçava chinelos. Demonstrando um pouco de tensão e ansiedade eles começam a contar, ao mesmo tempo, sobre o que haviam passado. Relatam que a equipe de resgate não estava salvando os animais de estimação de brasileiros que eram resgatados, apenas o de japoneses. “Muitos cachorros morreram presos”, desabafa o nipo-brasileiro. Eles passavam a noite em um dos abrigos dentro da cidade; durante o dia ajudavam a resgatar pessoas ou animais de estimação.

- 14 Hugo (mestiço), que estava no trabalho durante a inundação, voltou apressadamente para seu apartamento quando soube do desastre. Enquanto trabalhava, suas duas cadelas ficavam dentro do apartamento no térreo. Como o prédio se localizava próximo ao rio Kinugawa, ele temia que elas tivessem morrido afogadas. Hugo, que possui um canal no Youtube sobre curiosidades do Japão, aproveitou para mostrar a difícil situação da cidade e dos moradores. Um vídeo mostrando sua reação desesperada ao ver o prédio alagado viralizou nas redes sociais. Felizmente as cadelas estavam vivas, mas seu material de filmagem e fotografia ficou danificado. Mesmo sem o material, Hugo fez vídeos com seu iPhone. “Querendo ou não, apesar das críticas que sofri, foi através dos meus vídeos que os brasileiros que vivem em outras comunidades começaram a saber mais sobre a enchente e a enviar doação”.
- 15 Um dos principais idealizadores da barraca foi João (nipo-brasileiro), diretor de uma NPO (non-profit organization) que auxilia estrangeiros residentes na cidade. Embora preferisse ficar nos bastidores resolvendo questões burocráticas junto à prefeitura, foi ele quem conseguiu permissão para o funcionamento da barraca. Sua presença foi bastante requisitada para intermediar a ajuda a estrangeiros na cidade; a fluência no idioma japonês e a experiência adquirida na NPO o colocava numa posição importante para levar demandas específicas dos estrangeiros.

## A situação do centro espírita Casa Caridade após a inundação

- 16 Casa Caridade foi reaberta apenas em meados de fevereiro de 2016. As atividades foram temporariamente interrompidas porque a prefeitura determinou o fechamento de todos os centros comunitários até que a prefeitura voltasse ao normal. Portanto, Dora não tinha outra alternativa a não ser esperar pela liberação da sala que costumava utilizar.
- 17 O centro não possui prédio próprio. Na verdade, Dora revelou que não tem pretensão de adquirir um imóvel apenas para conduzir os trabalhos do centro, pois não sabe quando retornará ao Brasil. Não se cobra nenhum tipo de anuidade para os médiuns trabalhadores, nem para os alunos do curso de desenvolvimento mediúnico e nem para os frequentadores que participam da palestra e da sessão de passe. A reserva da sala do centro comunitário é gratuita, a única exigência é que a pessoa seja moradora de Joso.
- 18 De todos os trabalhadores, apenas os alunos e eu continuamos auxiliando Dora. Os demais, quatro médiuns, decidiram sair por motivos pessoais. Dora não se mostrou muito abalada com a situação, pois, de acordo com sua explicação, as entidades espirituais vão encaminhar novas pessoas para ajudá-la.
- 19 Em meio ao discurso e esforços de internacionalização do espiritismo kardecista no Japão, há centros espíritas que não estão diretamente envolvidos nessa tarefa, cuja principal preocupação é tratar de brasileiros que vivem na comunidade local em vez de promover palestras traduzidas para o japonês. Os frequentadores de Casa Caridade são, em sua grande maioria, brasileiros imigrantes. Durante o período de coleta de dados que começou em 2014, vi apenas um senhor peruano e um japonês, marido de uma frequentadora brasileira, assistirem à palestra.
- 20 As questões trazidas pelos “pacientes” – modo pelo qual Dora costuma se referir aos frequentadores – estão ligadas a dificuldades de relacionamento na fábrica ou no lar, doença grave no frequentador ou em algum parente próximo, morte de pessoas próximas,



questões financeiras e filhos com algum tipo de dificuldade de relacionamento ou aprendizado na escola, seja ela escola japonesa ou brasileira. Após a tragédia, “o recomeçar” para aqueles que perderam casa ou o apartamento tem sido visto como uma provação a ser superada.

- 21 A etnografia realizada em Casa Caridade continua. Após a enchente, uma nova pergunta surgiu, que é observar como os frequentadores ressignificam a tragédia e suas experiências particulares à luz da doutrina espírita, e como isso afeta suas vidas, subjetiva e objetivamente.

## Algumas considerações

- 22 Este relato não possui caráter conclusivo, pois trata-se de uma pesquisa ainda em andamento. Parte do material coletado sobre a inundação precisa ser analisado.
- 23 Neste texto, tentei apresentar como um grupo de voluntários brasileiros, em sua maioria moradores da cidade afetada, uniu forças para organizar uma rede de doações a fim de auxiliar vítimas da enchente. A ajuda em forma de doações que tinha como foco brasileiros e estrangeiros também acabou beneficiando japoneses em situação de grande vulnerabilidade.
- 24 Embora a situação da cidade tenha normalizado, nem todas os brasileiros residentes conseguiram restabelecer sua antiga rotina. Algumas questões permanecem em aberto, tais como o meio pelo qual as famílias vão reconstruir suas moradas. Nem todas as famílias pagavam o seguro que cobria esse tipo de desastre, pois ele é bem menos frequente do que terremotos, por exemplo.
- 25 Kimura (2014), ao analisar o processo de reconstrução de um vilarejo em Iwate, atingido pelo tsunami de março de 2011, demonstra certa preocupação com o significado que o termo “reconstrução” adquire no país, pois é algo muitas vezes “decidido de forma uniforme, de cima para baixo” (Kimura 2014: 138). Resta saber se estrangeiros e japoneses em situação precária terão suas vozes ouvidas na reconstrução de Joso.

---

## BIBLIOGRAFIA

- Braga, Antônio. 2015. A Pedra, a Informante e o Etnógrafo: ou sobre quando as expectativas das nossas idas a campo não se realizam. *Religião e Sociedade* 35(1): 44-62.
- Kimura, Shuhei. 2014. Visualizing with “Soft Light”: A Reflection on Public Anthropology and 3/11. *Japanese Review of Cultural Anthropology* vol.15: 127-140.
- Rosaldo, Renato. 1993. Introduction: Grief and a Headhunter’s Rage. In Rosaldo, Renato. *Culture & Truth: The Remaking of Social Analysis*. pp. 1-21.
- 鬼怒川の堤防決壊、住宅街が浸水 茨城県が自衛隊に出動要請. Após destruição da barreira de contenção do Rio Kinugawa, área residencial é alagada. Província de Ibaraki solicita ajuda do exército de autodefesa. *Sankei News*, 10 set. 2015.

Retirado de: <http://www.sankei.com/affairs/news/150910/afr1509100036-n1.html>

Acessado em 25/9/2015

豪雨被害 常総市民 3 0 0 4 人が避難生活. Vítimas da chuva torrencial: 3004 habitantes de Joso vivem evacuados. Joyo Shinbun (smartphone version), 15 set. 2015.

Retirado de: <https://joyonews.jp/smart/豪雨被害%E3%80%80常総市民3004人が避難生活/>

Acessado em 25/9/2015

Fukuji, Keitaro; Fujii, Junya. 鬼怒川決壊 2 ヶ月、今も避難者「みんなで暮らしたい」. Após dois meses do transbordamento do rio Kinugawa, ainda refugiado “Quero viver com todos juntos”. *Asahi Shinbun Digital*, 9 nov. 2015.

Retirado de: <http://www.asahi.com/articles/ASHC94JDMHC9UJHB00H.html>

Acessado em 9/11/2015

## NOTAS

1. A primeira parte do relato pode ser encontrada na edição 17 da revista.
2. Posteriormente consegui recuperar a carteira de meu tio, largada no banco do motorista. O veículo, no entanto, ficou completamente danificado.
3. O curso de desenvolvimento mediúnico é ministrado por Dora nas manhãs de domingo, das 9h às 10h45, antes da palestra aberta ao público. Ela utiliza uma apostila deixada pelos antigos dirigentes do centro. O objetivo do curso é formar médiuns que poderiam ser convidados para trabalharem no centro.
4. As empreiteiras são agências recrutadoras de mão de obra estrangeira e japonesa para trabalhar nas diversas fábricas da região.

---

## AUTOR

**ALVARO KATSUAKI KANASIRO**

University of Tsukuba, Graduate School of Humanities and Social Sciences, Doctoral Program in Cultural Anthropology

E-mail: [kanasiro.alvaro@gmail.com](mailto:kanasiro.alvaro@gmail.com) ou [k4tsu06@gmail.com](mailto:k4tsu06@gmail.com)